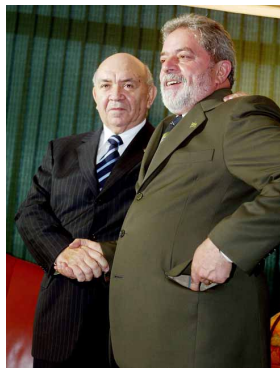


PT saudações

No seu 25º aniversário, o partido debate a conta da vitória do *companheiro* Severino



O PT começou o ano com um fracasso espetacular: perdeu a presidência da Câmara dos Deputados, o terceiro posto mais importante na hierarquia política do país, para um candidato considerado até às vésperas do pleito como um inexpressivo representante de interesses corporativistas dos parlamentares. O vitorioso,

Severino Cavalcanti, não parece ser uma grande ameaça ao governo Lula. Um presidente da Câmara tem sua importância mas não costuma, na história do parlamento brasileiro, ser lá essas maravilhas. Numa lista de 25 presidentes dos últimos 50 anos da casa, talvez deva se destacar duas figuras imponentes, apenas: o liberal Aduino Lúcio Cardoso, que apoiou o golpe direitista de 1964 e logo divergiu dos militares, tendo exercido o mandato por apenas uns meses, em 1966; e Ulysses Guimarães, que foi presidente logo após a retirada dos militares, em 1985, com a eleição da dupla Tancredo Neves-José Sarney para substituir o general João Batista Figueiredo; e foi presidente também de 1987 a 1989, quando o Congresso eleito se transformou em Assembléia Nacional Constituinte e fez a Constituição que redemocratizaria o país. Além do mais, a despeito de seus quase quarenta anos de serviços aos partidos da direita, Severino atualmente tem sido um disciplinado deputado da *base governista*.

Os dois candidatos O PT disputou a eleição com dois candidatos, um oficial, Luiz Eduardo Greenhalgh, de São Paulo, e um dissidente, Virgílio Guimarães, de Minas Gerais. Após a derrota, tanto o presidente do partido, José Genoíno, como os seus principais dirigentes na Câmara reconheceram que a escolha de Greenhalgh pela bancada do PT tinha sido feita sem levar em conta as opiniões dos outros integrantes da *base aliada*. E mais que isso, o presidente procurou se distanciar do resultado: Lula chamou Severino de *companheiro* e disse que o governo não havia perdido; ou seja, quem perdeu foi o partido.

O presidente do partido, José Genoíno, em várias declarações após a eleição de Severino, procurou caracterizar a candidatura e a campanha de Greenhalgh — um deputado conhecido no passado como defensor do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem

Terra e dos presos e desaparecidos políticos —, como a sinalização de uma retomada: um aceno para a esquerda, uma reafirmação dos compromissos históricos do PT com a transformação social do país. Propôs, inclusive, que o partido formasse na Câmara um bloco menor, com o PCdoB e o PSB.

Contraditoriamente, a reforma desencadeada pelo presidente parece ir noutra direção, para a direita: entra um ministro do PP e se fortalece a ala governista do PMDB, um bloco muito distante da antiga ala progressista desse partido. Mesmo um fortalecimento inicial do ministro José Dirceu, que recentemente comandou uma operação para impedir que o governo colocasse na sua Mensagem ao Congresso a defesa da autonomia do Banco Central, não parece ter muita importância: ao mesmo tempo, Lula encarregou Dirceu de ser uma espécie de ajudante do plano econômico conservador, como coordenador dos projetos de atração de capital estrangeiro para investimentos no país. Além disso, o ministro da Fazenda, Antônio Palocci, a despeito de a bancada do partido ter aprovado que não se deveria apresentar o projeto de autonomia do Banco Central, iniciou o debate do tema no governo e participou de articulação do PMDB governista para que esse bloco apresente o projeto de autonomia do BC no Senado.

Momento especial A derrota do PT ocorre num momento especial: o partido que se apresentou para revolucionar a maneira de representação política dos trabalhadores, e para realizar profundas transformações sociais no país, está comemorando 25 anos de vida e dois anos de governo. Mas está nitidamente dividido em três blocos: a maioria que está aparentemente satisfeita com os rumos do governo; um centro, que está indeciso; e uma esquerda, que equivale a aproximadamente um terço do partido, e que está em nítida oposição aos fundamentos da política do governo, caracterizados pela orientação dos ministérios da área econômica. A esquerda pretende, nas eleições gerais do partido, neste ano, promover a mudança dessa orientação. O que a nossa reportagem especial a partir da página 14 mostra é que isso será uma tarefa muito difícil: não só porque o PT mudou e se fragmentou muito recentemente; como porque a orientação conservadora que se pretende mudar tem raízes profundas, vem de antes do governo Fernando Henrique, de 1992, quando o ministério da Economia e o Banco Central foram como que assaltados por economistas neoliberais, que vem se reproduzindo, governo após governo. ■